

SENTIMENTOS DE INJUSTIÇA EM AXEL HONNETH: movimentos sociais e resistência cotidiana

Stefanie de Almeida MACÊDO

Carlos César BARROS

Universidade Estadual de Feira de Santana

Nos anos 70, a teoria crítica passou por uma crise que trouxe em seu bojo uma necessidade de renovação do papel das análises sociais vinculadas ao marxismo, principalmente por meio de uma maior atenção ao cotidiano. Foi neste cenário que Axel Honneth iniciou suas análises sobre a moralidade em grupos oprimidos através da noção de sentimentos de injustiça e se destacou como novo expoente dessa tradição. Honneth renovou a perspectiva dos movimentos sociais na teoria crítica ao refletir sobre as formas de resistência cotidiana que se estabelecem mesmo em um contexto fragmentado de dominação econômica e simbólica. Apesar das condições injustas de educação e trabalho, é possível que os grupos oprimidos manifestem sua insatisfação com a conjuntura social por meio de protestos coletivos ou, de forma mais discreta, em lutas altamente individualizadas por reconhecimento social e conflitos cotidianos. Embora a expressão dos sentimentos de injustiça dependa do grau de efetividade do controle social, nela se encontra a possibilidade de identificar a resistência de campos de conflitos morais escondidos sob a fachada de integração do capitalismo. É nessa expressão que reside a possibilidade de ameaça ao consenso de dominância social. A gênese da virada para o reconhecimento se encontra, portanto, nos sentimentos de injustiça. Através desse conceito, sobre o qual construímos uma genealogia, a relação com a psicologia na teoria crítica é atualizada e a fundamentação histórica e empírica sobre a constituição moral dos grupos socialmente oprimidos, retomada.

Palavras-chave: moral, sentimento de injustiça, movimentos sociais, cotidiano, resistência.

EIXO 6: EXPERIÊNCIA, DIVERSIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS